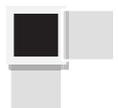


LIBRAS IV





LIBRAS IV

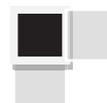


Ronice Müller de Quadros

O texto de Libras IV apresenta aspectos encontrados em várias línguas de sinais que estão relacionados com a modalidade visual-espacial específica dessas línguas. Neste material, vamos explorar a diferença entre gestos e sinais, aspectos da modalidade visual-gestual-espacial das línguas de sinais, descrições visuais (classificadores), espaços de sinalização usados pelo sistema linguístico das línguas de sinais e os espaços de sinalização topográficos.

1 Gestos e sinal

Alguns pesquisadores acreditam que os gestos representam uma forma mais básica da linguagem. Como os surdos não acessam a fala, os gestos fluem e são sistematizados tornando-se uma língua. Isso acontece quando mais de um surdo se encontra. Por outro lado, alguns linguistas questionam o fato de os gestos não se transformem em línguas em pessoas com a capacidade de falar. Se gesto seria uma forma de linguagem mais básica, por que os seres humanos optaram em falar? Bem, nós não vamos nos preocupar com isso. Nosso objetivo será discutir como os gestos e os sinais (ou a fala) se complementam e como eles se distinguem.



Na verdade, os sinais e os gestos interagem, assim como a fala e os gestos fazem. A diferença básica está nas modalidades que acabam interferindo de forma mais direta nas formas de produção dos sinais e da fala. A fala está associada ao gesto em diferentes modalidades. A fala usa o canal vocal produzindo combinações de sons para formar palavras e frases. Os gestos são visuais produzidos pelo corpo. Quando o gesto é produzido junto com a fala, facilmente o identificamos. Por exemplo, no gesto a seguir, a pessoa está descrevendo uma pulseira que tem uma presilha diferente, simultaneamente, ela produz o gesto com a sua fala:



P: A pulseira que ganhei tem uma presilha especial que não engancha e não aparece, mas é super firme.

Os sinais estão na mesma modalidade dos gestos, ou seja, também são produzidos com o corpo. Os articuladores dos sinais, muitas vezes, se sobrepõem aos articuladores dos gestos. Assim, os sinais e os gestos nem sempre são facilmente distinguidos, como percebemos na produção da fala. Vamos conhecer um pouco mais sobre o que já foi estudado sobre gestos.

1.1 Gestos

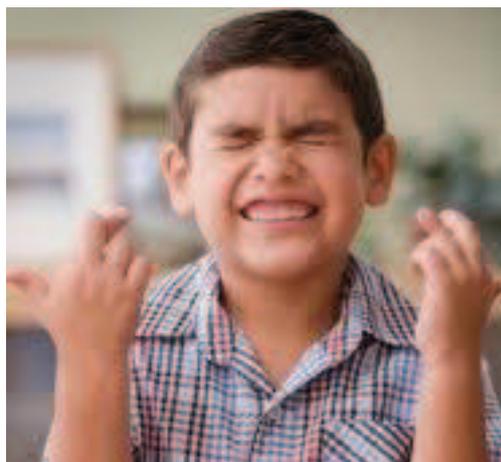
Quadros & Lillo-Martin (2007) realizaram um estudo sobre a interface entre o gesto e o sinal no desenvolvimento da linguagem em crianças surdas, filhas de pais surdos. As autoras identificaram produções gestuais já identificadas em crianças ouvintes (Mayberry & Nicoladis e Nicoladis, Mayberry & Genesee 1999):

- (1) emblemas
- (2) dêiticos
- (3) gestos icônicos
- (4) gestos de repetição (*beat gestures*)
- (5) gestos relacionados com 'alcançar, dar, pegar' (*reaching gestures*)

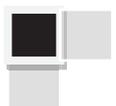
Os emblemas são gestos mais convencionalizados. A seguir apresentamos exemplos de emblemas usados no Brasil:



'positivo'



'sorte' ou 'torcida'





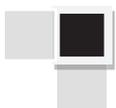
'silêncio



'bater-palmas auditiva'



'bater-palmas visuais



Os emblemas são produções estáveis utilizadas em diferentes culturas. Veja o vídeo a seguir para ver emblemas usados em diferentes países:



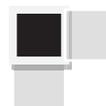
Vídeo ilustrando formas não-verbais de comunicar por pessoas de três países diferentes (as formas usadas representam emblemas em cada um destes países)

<http://www.youtube.com/watch?v=kn3NwMtAEHs&feature=related>

Mayberry & Nicoladis (2000) e Nicoladis, Mayberry & Genesee (1999) analisam a transição dos gestos para os sinais em crianças surdas e ouvintes e confirmam a proposta da existência de um contínuo de McNeil (1992) que conclui a existência de uma “quebra cataclástica” entre as produções gestuais e as produções em sinais (Singleton, Goldin-Meadow & McNeill 1995). Esse contínuo vai da gesticulação (os gestos de repetição, metafóricos e icônicos), passa pela linguagem gestual (a que comunica sem informação verbal), pelos emblemas (gestos convencionalizados pelos adultos) e chega às línguas de sinais (línguas formais). Ou seja, do menos convencional ao convencional e linguístico.

Quadros e Lillo-Martin (2007) analisam os gestos convencionais, ou seja, excluem a produção mimética. A produção dos gestos de alcançar (*reaching gestures*) é considerada típica nas primeiras produções das crianças surdas, assim como observadas nas produções das crianças ouvintes. Os emblemas são reconhecidos como gestos convencionais usados pelos adultos e pelas crianças e são contabilizados como sinais, pois apresentam padrões fonológicos específicos das línguas de sinais, por exemplo, a marcação aspectual observada em outros sinais, embora sejam anotadas como emblemas. As produções corporais e faciais concomitantes com os sinais foram anotadas podendo expressar jogo de papéis e ações construídas. Os dêiticos que são produzidos por meio da apontação são contabilizados como sinais quando associados a outro sinal.

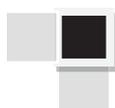
Volterra, Iverson e Castrataro (2006) analisaram a criança surda que cresce sem contato com a língua de sinais e observaram algumas características nas suas produções, são elas: (1) desenvolvimento de produção gestual dêitica e representacional e (2) transição entre gesto individual e combinações de dois elementos. No entanto, o desenvolvimento geral acontece mais lentamente (a arrancada do vocabulário acontece mais tarde).



Goldin-Meadow e colegas apresentam dados de crianças surdas com pais ouvintes, não expostas a língua de sinais. Eles constatam que a organização gestual destas crianças é diferente da produção gestual dos adultos. Foi observado que o uso da produção gestual é mais complexo do que das crianças adquirindo apenas a língua falada. No entanto, mais simples do que as produções de crianças ouvintes, filhas de pais surdos.

Os gestos parecem dar uma base para o desenvolvimento de alguns elementos da linguagem. Goldin-Meadow (2003) têm estudado profundamente as crianças surdas com pais ouvintes em contextos nos quais as crianças não são expostas a língua de sinais. Os níveis de perda auditiva destas crianças não possibilitam um bom desempenho no processo de aquisição da língua oral, mesmo com todo o treinamento. Embora pareça que estes contextos privam a criança de relações sociais, essas crianças crescem com todo o suporte das famílias obtendo um suporte social ajustado. O que é interessante é que estas crianças desenvolvem um sistema gestual individual enquanto sistema de comunicação (conhecido como “sinais caseiros”) para utilizar com sua família. Goldin-Meadow observou que estes sistemas apresentam regularidades estruturais características das primeiras produções gestuais observadas nas crianças em geral: uso de um gesto de forma consistente (palavra), o usos de estruturas recursivas (uso de estruturas subordinadas ou de sentenças coordenadas), e uma morfologia interna dos gestos. Embora não seja um sistema linguístico completo, os sistemas de sinais caseiros apresentam propriedades essenciais das línguas humanas. Esta pesquisa sugere que na ausência de um input linguístico convencional as crianças desenvolvem um sistema do tipo linguístico. No entanto, o fato de sistemas de sinais caseiros não serem estruturalmente complexos como as línguas de sinais indica que o ambiente apresenta um papel significativo no desenvolvimento de certas propriedades linguísticas.

Já as crianças surdas que crescem com a língua de sinais, segundo Volterra, Iverson e Castrataro (2006) envolvem outros aspectos a serem considerados: (1) a distinção entre sinal e gesto é mais difícil do que entre gesto e palavra falada, porque estamos falando de duas coisas usando a mesma modalidade e (2) há uso de gestos por crianças surdas. As autoras observaram que a aquisição das crianças surdas é similar às crianças ouvintes, até a produção de sinais combinados. Essas crianças produzem gestos corporais/gestos faciais simultaneamente a produção em sinais. No entanto, as fronteiras são difíceis de serem estabelecidas entre apontação e o uso dos classificadores das línguas de sinais e o seu uso gestual observados em crianças



ouvintes. De qualquer forma, parece haver uma transição entre gesto dêitico e a apontação gramatical nas línguas de sinais.

O desenvolvimento dos gestos, segundo Volterra, Iverson e Castrataro (2006) começa com gestos dêíticos (9 a 13 meses), do tipo 'dar', 'mostrar' e 'apontar' expressando intenção comunicativa, mas o seu significado depende do contexto. A apontação é o gesto mais frequente na produção da criança nesta fase inicial. Depois, elas começam a produzir gestos representacionais paralelamente às primeiras produções (gesto de 'comer' com a produção oral 'papá'). As crianças fazem uso equivalente das modalidades gestual e vocal quando se comunicam e o tamanho dos repertórios de gestos e de palavras são similares. Os gestos dêíticos precedem o uso de termos dêíticos e os gestos representacionais aparecem mais em torno dos 20 meses. Aos 12 meses, as crianças produzem mais gestos (29) do que palavras (8). A partir dos 12 meses, começam a ter mais palavras havendo uma equiparação com o uso de gestos. Entre 16 a 17 meses, a produção é mais equiparada entre gestos (40) e palavras (32). Com a expansão do vocabulário, há uma mudança no padrão do uso dos gestos.

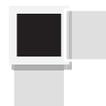
O gesto passa por uma transição que é marcada pela combinação de duas palavras. Interessantemente, não é observada a combinação de dois ou mais gestos. Todas crianças passam pelos seguintes estágios:

- Crianças combinam um gesto com uma palavra (12 a 14 meses)
- Crianças combinam duas palavras (16 a 20 meses)
- Não há combinação de dois gestos

O objetivo da produção gestual é reforçar a comunicação de forma redundante ao que está sendo dito. A produção gestual da mãe ou babás muito similar à produção da criança.

As autoras observaram em crianças ouvintes, filhas de pais ouvintes, que o uso de gestos simbólicos facilitou o desenvolvimento verbal. A exposição à gestos simbólicos desenvolve a função simbólica (sinais e fala). Parece que as crianças adquirindo sinais produzem os primeiros sinais muito antes do que as crianças adquirindo uma língua falada.

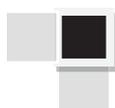
Observa-se que tanto nas línguas faladas como nas línguas sinalizadas, o papel da produção gestual é importante para a comunicação. Todas as crianças produzem gestos,



independentemente da modalidade de língua que elas estejam expostas. No entanto, a diferenciação entre a fala e os gestos é mais clara do que entre os sinais e os gestos.

Quadros e Lillo-Martin (2007) diferenciaram o gesto do sinal apresentando os seguintes critérios:

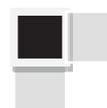
- a) Os gestos de alcançar (dêiticos) são considerados gestos, pois tem significado determinado pelo contexto (as vezes significam 'me-dá', 'me-alcança', 'quero-aquilo', 'pega-isso', 'me-pega-no-colo' e assim por diante. Esses gestos são usados por todas crianças, independente de serem expostas ou não a uma língua de sinais.
- b) Os emblemas são formas que apresentam um significado constante tanto na comunidade ouvinte como na comunidade surda, mas parecem não ser tão precisos quanto os sinais quanto a configuração de mão, o movimento e a locação (em alguns casos pode se apresentar com a extensão completa do braço, o que não é comum nas produções dos sinais e, algumas vezes, a mão não-dominante é usada para produzi-lo com maior frequência do que quando se produzem sinais. Quando os emblemas são estáveis, eles são anotados como emblemas, mas são contabilizados como sinais (por exemplo, quando contamos o MLU, ou seja, quando medimos a quantidade de sinais ou morfemas produzidos em cada enunciado).
- c) Os sinais apresentam formas mais precisas e apresentam formas derivadas ou flexionadas (podem ter aspecto e incorporarem os pontos estabelecidos no espaço, por exemplo). Os sinais são combinados com outros sinais.
- d) Os sinais e os emblemas podem incorporar pontos estabelecidos no espaço de sinalização e podem apresentar ênfase.
- e) Os gestos faciais e corporais podem co-ocorrer com a mímica e algumas vezes com classificadores e verbos manuais.
- f) A apontação pode ser gestual ou fazer parte do sistema linguístico em língua de sinais. É difícil estabelecer a fronteira entre os dois usos da apontação, mas o fato de tocar ou não no que está sendo apontado é um dos critérios adotados para analisar a produção como gestual ou como sinal. Se há o toque nos objetos, a apontação é considerada gestual. A apontação para primeira e não-primeira pessoa sempre é contabilizada como fazendo parte do sistema linguístico, embora possa haver ocorrências exclusivamente gestuais. Assim, são excluídas as apontações que estão estejam associadas com outros sinais.
- g) A intuição de falantes nativos de línguas de sinais é considerada na tomada de decisão quanto a classificação das produções como sinais ou gestos.
- h) As produções que sejam similares às produções gestuais da comunidade ouvinte são consideradas gestuais.
- i) As características dos movimentos que podem ser combinados com a produção manual com elementos fonológicos específicos das línguas de sinais são elementos que podem determinar a inclusão da produção na categoria de sinais.



Considerando estes critérios, Quadros e Lillo-Martin observaram as produções de crianças surdas e observaram que os gestos constituem 1/4 dos 'predicados' das crianças. Os gestos usados na comunidade ouvinte são também usados pelas crianças surdas. As autoras observaram também que os gestos não substituem os sinais. Eles podem ser usados junto com os sinais que elas produzem e não para substituir algum sinal que desconhecem. Por exemplo, as crianças podem produzir o gesto de 'sentar' e em seguida o sinal de SENTAR. O gesto parece que apresenta um valor comunicativo importante e complementar aos sinais.

Estes estudos com crianças e suas produções gestuais evidenciam a interação entre os gestos e a fala/os sinais que vai se estender ao longo da vida. Os gestos fazem parte da comunicação humana e integram a linguagem humana. Mesmo assim, as línguas apresentam autonomia linguística em relação aos gestos por representarem estruturas mais convencionadas, mesmo quando são consideradas icônicas.

A iconicidade, ou seja, a similaridade/identidade existente entre o símbolo e o que o motiva (o objeto ou a ação em si), é algo que faz parte da linguagem humana. No entanto, as línguas perdem a relação icônica ao longo de sua existência. Por exemplo, nas línguas de sinais é muito comum se falar em sinais icônicos, ou seja, sinais que parecem ser motivados pela forma do objeto ou pela ação em si. Na Libras, o sinal de CASA parece ser motivado pelo formato do telhado de uma casa, embora ele seja usado para o sinal de MORAR que pode ser usado para moradia em diferentes formatos de residência (cabanas, choupanas, embaixo da ponte, apartamento, entre outros). Embora o sinal represente um tipo específico de telhado e possa ter sido motivado na sua criação por este tipo de casa, ele passou a ser usado de forma muito mais abrangente e não remonta mais o tipo de casa que possa ter motivado a sua criação. Isso é muito comum nas línguas de sinais. Os sinais passam a ser signos linguísticos altamente arbitrários e são adquiridos pela criança com este estatuto passando a integrar o léxico da língua em aquisição. Portanto, assim como observado pelos pesquisadores que trabalham com gestos, há sim diferenças entre os gestos e os signos linguísticos, sejam eles falados ou sinalizados. Há uma fronteira que num contínuo vai do menos convencional para o mais convencional, do menos padronizado ao mais padronizado. Reconhecemos, no entanto, que neste contínuo, algumas vezes é difícil estabelecer o que deixou de ser gesto e passou a ser um sinal. Talvez isso aconteça porque realmente é ambíguo (*fuzzy*).



1.2 Expressões faciais¹

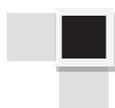
A comunicação humana pode ocorrer de diferentes formas. Nem sempre recorreremos à linguagem verbal (seja ela falada ou sinalizada) para nos expressarmos. Esse pode ser o caso quando duas pessoas não falam a mesma língua. Elas vão ter que encontrar outra forma para se comunicar, como apontar para objetos, fazer desenhos, usar gestos para tentar expressar suas idéias. Até mesmo falantes de uma mesma língua, em determinadas situações, podem lançar mão de outros recursos para se fazer entender. Quando um guarda de trânsito faz um determinado movimento com os braços, as pessoas são capazes de compreender se devem parar, se podem prosseguir, se devem retornar, entre outros comandos.

As expressões faciais também fazem parte da comunicação humana. Através delas, podemos revelar emoções, sentimentos, intenções para nosso interlocutor. Elas são utilizadas em todas as línguas. No caso das línguas de sinais, as expressões faciais desempenham um papel fundamental e devem ser estudadas detalhadamente.

Podemos separar as expressões faciais em dois grandes grupos: as expressões afetivas e as expressões gramaticais. As primeiras são utilizadas para expressar sentimentos (alegria, tristeza, raiva, angústia, entre outros) e podem ou não ocorrer simultaneamente com um ou mais itens lexicais. Conforme dito anteriormente, não são exclusivas das línguas de sinais. Nas línguas faladas, as pessoas também expressam suas emoções por meio de expressões faciais. Já as expressões gramaticais, estão relacionadas a certas estruturas específicas, tanto no nível da morfologia quando no nível da sintaxe e são obrigatórias nas línguas de sinais em contextos determinados.

A seguir apresentamos exemplos de expressões faciais afetivas:

¹A seção sobre “Expressões Faciais” inclui partes do texto publicado no material didático do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, organizado por Pizzio, A. L.; Rezende, P. N. e Quadros, R. M. de. Língua Brasileira de Sinais II. Universidade Federal de Santa Catarina. 2008. Agradeço às colegas pela autorização na sua publicação neste volume.



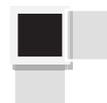


Em virtude de serem específicas das línguas de sinais, as expressões faciais gramaticais serão analisadas com mais detalhes a seguir.

1.2.1 Marcações não-manuais: expressões faciais gramaticais

Nível morfológico

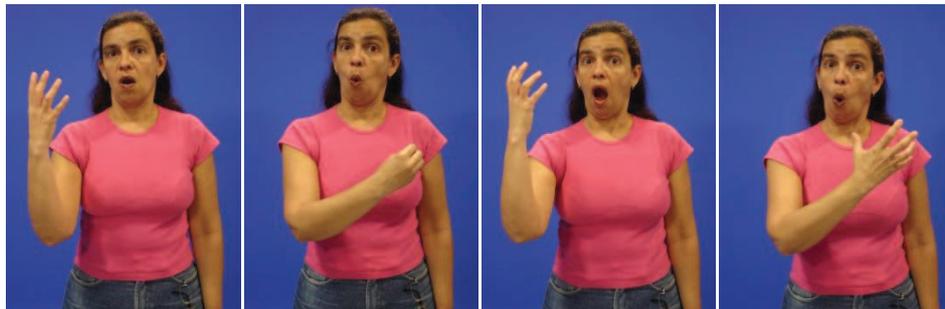
As expressões faciais gramaticais fazem parte do conjunto de marcações não-manuais e acompanham determinadas estruturas, tendo um escopo bem definido. No nível morfológico, algumas marcações não-manuais estão relacionadas ao grau e apresentam escopo sobre o sinal que está sendo produzido.



Por exemplo, os adjetivos podem estar associados ao grau de intensidade como ilustrado a seguir²:



BONITO



MAISBONITO

BONITÃO



COITADINHO

COITADO

MAISCOITADO



POBREZINHO

POBRE

MAISPOBRE

PROBREZÃO

²Ilustrações da Prof. Ana Regina Souza e Campello, retiradas do material de Libras II, publicado pela Universidade Federal de Santa Catarina, no contexto do Curso de Letras Libras EAD.

As expressões faciais podem ter função adjetiva, pois podem ser incorporadas ao substantivo independente da produção de um adjetivo. Nesse caso, os substantivos incorporam o grau de tamanho conforme apresentado nos exemplos a seguir:



CASINHA

CASA

MANSÃO



BEBEZINHO

BEBÊ

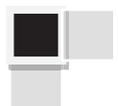
BEBEZÃO



CARRINHO

CARRO

CARRÃO



Veja que a marcação de grau apresenta um padrão de expressões faciais que apresenta uma variação gradual, conforme os exemplos apresentados no quadro a seguir:

Grau de intensidade



Normal

Mais intenso do que o normal

Muito mais intenso

Grau de tamanho



(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(1) Muito menor do que o normal

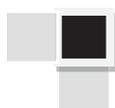
(2) Menor do que o normal

(3) Normal

(4) Maior do que o normal

(5) Muito maior do que o normal

Vocês podem observar que esses tipos de marcações não manuais são graduais, ou seja, eles não apresentam uma expressão fixa, mas são produzidos com diferentes gradações de intensidade e tamanho. A esses tipos de marcações é muito comum haver modificações de outra ordem na produção dos sinais, isto é, os sinais podem sofrer alguma modificação que é associada à intensidade ou grau. Por exemplo, nos sinais apresentados como exemplos de marcação de



intensidade e de grau aparecem modificações na configuração de mão. Vejamos em detalhes o exemplo da gradação de BONITO.

Quando o sinal é produzido para expressar algo com uma intensidade específica análoga ao português à palavra BONITINHO, o sinal pode ser produzido com a configuração de mão 5 com os dedos mais aproximados. Veja o sinal:



BONITO

BONITINHO

Nível da sintaxe

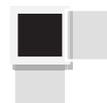
No nível da sintaxe, as marcações não-manuais são responsáveis por indicar determinados tipos de construções, como sentenças negativas, interrogativas, afirmativas, condicionais, relativas, construções com tópico e com foco. Esses tipos de estruturas serão abordados com maiores detalhes na seção seguinte (baseado em Quadros & Karnopp, 2004).

Sentenças negativas – São aquelas em que a sentença está sendo negada. Normalmente, possuem um elemento negativo explícito, como NÃO, NADA, NUNCA, NINGUÉM. Na língua de sinais, podem estar incorporadas aos sinais ou expressas apenas por meio da marcação não manual.

Sentenças interrogativas – São aquelas formuladas com a intenção de obter alguma informação desconhecida. São perguntas que podem requerer informações relativas aos argumentos por meio de expressões interrogativas: O QUE, COMO, ONDE, QUEM, POR QUE, PARA QUE, QUANDO, QUANTO, etc. Também há interrogativas formuladas simplesmente para obter confirmação ou negação a respeito de alguma coisa, por exemplo, VOCÊ QUER COMER? Se espera ter a resposta positiva ou negativa (SIM ou NÃO).

Sentenças afirmativas – São sentenças que expressam idéias ou ações afirmativas. Por exemplo, EU VOU FACULDADE.

Sentenças condicionais – São sentenças que estabelecem uma condição para realizar outra coisa, por exemplo, SE CHOVER, EU NÃO IR. A condição desta sentença é não chover, para que a pessoa vá a festa.



Sentenças relativas – São aquelas em que há uma inserção dentro da sentença para explicar, para acrescentar informações, para encaixar outra questão relativa ao que está sendo dito. Nessas sentenças, normalmente utiliza-se QUE na língua portuguesa; na língua de sinais há uma quebra na expressão facial para anunciar a sentença relativa que é produzida com a elevação das sobrancelhas. Por exemplo, A MENINA **QUE CAIU DA BICICLETA** ESTÁ NO HOSPITAL.

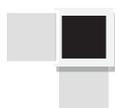
Construções com tópico – É uma forma diferente de organizar o discurso. O tópico retoma o assunto sobre o qual se desenvolverá o discurso. Por exemplo, **FRUTAS**, EU GOSTAR MAÇA. Então, o tópico é FRUTAS, sobre o qual será definida aquela de preferência do falante/sinalizante.

Construções com foco – São aquelas que introduzem no discurso uma informação nova que pode estabelecer contraste, informar algo adicional ou enfatizar alguma coisa. Por exemplo, se alguém diz que a MARIA COMPRAR CARRO NOVO e esta informação está equivocada, o falante/sinalizante seguinte pode fazer uma retificação: NÃO, **PAULO** COMPRAR CARRO NOVO. Paulo aqui será o foco.

Dentre as expressões faciais utilizadas gramaticalmente estão os movimentos de cabeça (tanto afirmativo quanto negativo), a direção do olhar, a elevação das sobrancelhas, a elevação ou o abaixamento da cabeça, o franzir da testa, o piscar dos olhos, além de movimentos com os lábios para indicar negação, para diferenciar os tipos de interrogativas e assim por diante. Ainda não há estudos exaustivos sobre as marcações não manuais na Libras, mas estaremos fazendo um levantamento com base em alguns dados e vocês poderão, também, ajudar a delinear algumas marcações recorrentes nessa língua. Cada uma dessas expressões está associada a uma determinada estrutura sintática e apresenta um escopo bem definido. Em uma mesma sentença é possível ter mais de uma marcação não-manual e a sua ausência pode deixar uma sentença agramatical (como será observado na próxima seção). A seguir são apresentados exemplos do uso gramatical das expressões faciais.

a) Negação (neg)

Segundo Arrotéia (2005), existem duas formas de indicar a negação não-manual em Libras. Na primeira forma pode ser realizado o movimento da cabeça para os lados indicando a negação, mas este movimento não é obrigatório na língua de sinais e está ligado a questões discursivas. Na segunda, utilizamos expressões faciais de negação em que há modificação no contorno da boca (abaixamento dos cantos da boca ou arredondamento dos lábios), sempre associada ao



abaixamento das sobrancelhas e ao leve abaixamento da cabeça. Diferentemente do movimento de cabeça, as expressões faciais são obrigatórias para marcar a negação, estando relacionadas a questões sintáticas.

A autora ainda afirma que o uso do movimento de cabeça para a negação apresenta uma distribuição mais ampla do que as expressões faciais. É possível realizá-lo apenas junto ao marcador 'não', junto ao sintagma verbal, junto a toda sentença e ainda pode se estender para além do último sinal realizado, como pode ser visto nas glosas dos exemplos³ abaixo.

a. IX<1>NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a_{ef}

_____mc

b. IX<1>NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a_{ef}

_____mc

c. IX<1>NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a_{ef}

_____mc

d. IX<1>NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a_{ef}

Já as expressões faciais negativas têm uma distribuição mais restrita. Elas não podem acompanhar a sentença toda, nem podem se limitar ao marcador de negação. Elas necessariamente devem co-ocorrer junto a todo o sintagma verbal, conforme ilustrado a seguir.

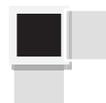
a. IX<1>NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a_{ef}

b. *IX<1> NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a_{ef}

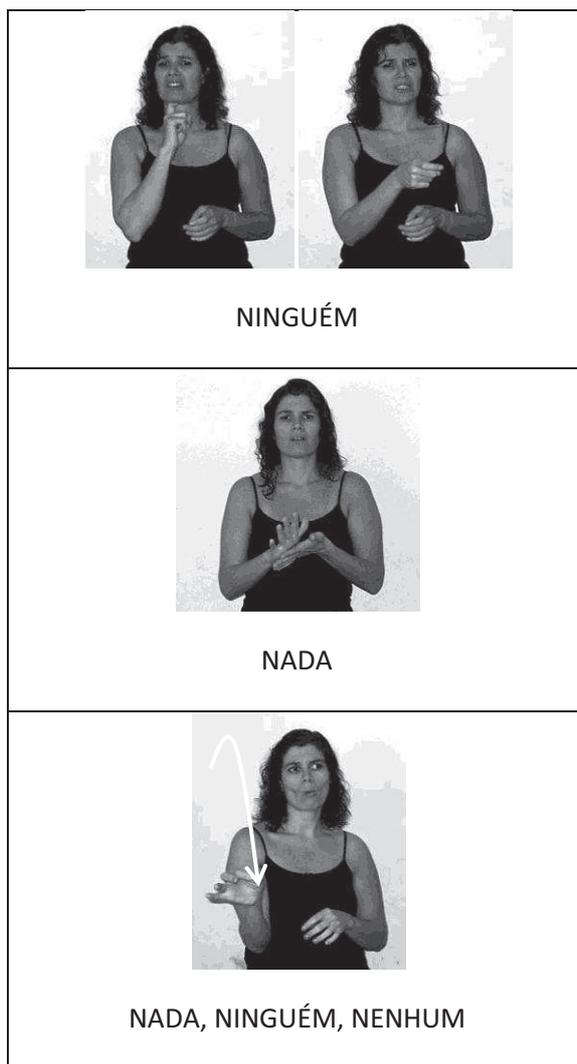
c. *IX<1>NÃO_{ef} 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a

O asterisco '*' indica que a sentença é agramatical.

³ Como estamos tratando de dois tipos diferentes de marcação não-manual de negação, elas serão representadas por uma linha horizontal acima e abaixo da sentença. A marcação de movimento de cabeça será representada pelas letras 'mc' e a marcação de expressão facial, pelas letras 'ef'.



Os sinais manuais que acompanham as marcações não-manuais acima citadas são os seguintes (ilustrações de Arroteia, 2005).



b) Afirmação (afirm): são realizados movimentos para cima e para baixo com a cabeça indicando afirmação. Geralmente, a marcação não-manual de afirmação está relacionada a construções com foco. Veja abaixo as glosas com os exemplos:

JOÃO VIAJAR <PODER>afirm

JOÃO LIVRO <CONHECER>afirm

JOÃO TELEVISÃO <ENTENDER>afirm

JOÃO MECÂNICA <SABER>afirm

c) Interrogativas: há 4 diferentes marcações não-manuais para as sentenças interrogativas, dependendo do tipo de pergunta que está sendo feita.

i) Interrogativa QU (qu): há uma pequena elevação da cabeça, acompanhada do franzir da testa.

Glosas com exemplos desse tipo de interrogativa:

<O QUE JOÃO PAGAR>qu

<QUEM JOÃO CONHECER>qu

<O QUE JOÃO SABER>qu

<QUEM JOÃO NAMORAR>qu

<O QUE JOÃO LER>qu

<O QUE JOÃO ESTUDAR>qu

ii) Interrogativa S/N (sn): há um leve abaixamento da cabeça, acompanhado elevação das sobrancelhas.

Glosas com exemplos desse tipo de interrogativa:

<JOÃO COMPRAR CARRO>sn

<JOÃO GOSTAR VÔLEI>sn

<JOÃO TRABALHAR FÁBRICA>sn

<JOÃO GOSTAR CERVEJA>sn

<JOÃO NAMORAR MARIA>sn

<JOÃO TER FILHOS>sn

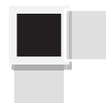
iii) Interrogativa que expressa dúvida e desconfiança (pode ser feita com uma ou duas mãos): lábios comprimidos ou em protrusão, olhos mais fechados e testa franzida, leve inclinação dos ombros para um lado ou para trás.

Glosas com exemplos desse tipo de interrogativa:

[JOÃO BANHEIRO TRANCADO Q-e]dúvida

[IX(ELES) REUNIÃO ESCONDIDO. IX(1) PENSAR Q-e ESCONDIDO]dúvida

[ESCOLA PROFESSOR ENSINAR LÍNGUA DE SINAIS Q-e]dúvida



iv) QU que aparece em sentenças subordinadas sem a marcação não-manual interrogativa: os sinais para O-QUE e QUEM dentro da sentença são realizados com a marcação não manual da própria sentença, ou seja, será afirmativa ou negativa:

Glosas com exemplos desse tipo de interrogativa:

<EU SEI QUEM ROUBOU>afirmativa

<EU NÃO SEI QUEM ROUBOU>negativa

d) Direção do olhar (do): direcionar a cabeça e os olhos para uma localização específica simultaneamente com um e/ou mais sinais, para estabelecer a concordância.

<TVb>do <ELEa>do <aASSISTIRb>do

Glosas com exemplos de direção do olhar:

ELE AJUDAR(ela)

EU ENTREGAR(ele) LIVRO

TU TELEFONAR(para ela)

ELE AVISAR MAMÃE

e) Elevação das sobrancelhas (top): a elevação das sobrancelhas é a marca associada ao tópico e por isso é representada pelas letras 'top'.

Glosas com exemplos de elevação das sobrancelhas:

<ANIMAIS>top EU GOSTAR GATO

<PARIS>top EU VOU

<MARIA>top JOÃO GOSTA ELA

<JOÃO>top MÃE CUIDAR

<BRASIL>top NÓS AMAMOS

<CARRO>top ELE GOSTAR AUDI

<LIVRO>top ELA GOSTA ROMANCE

Leite (2008) analisou alguns aspectos da conversação na Libras e observou um conjunto de marcadores não manuais. O autor faz o primeiro levantamento de um repertório de recursos manuais e não manuais que constitui uma referência inicial para a segmentação do discurso na

Libras em termos gramaticais associados à informação prosódica. Há poucas referências à prosódia⁴ nos estudos das línguas de sinais, no entanto, muitos pesquisadores de línguas de sinais fazem referência às marcações não manuais como gramaticais. Intuitivamente, vários sinalizantes afirmam tacitamente que essas marcações fazem parte da gramática da língua, no entanto, não há estudos detalhados de como se explicam essas marcas na língua. A prosódia, portanto, se torna um campo de estudos profícuo nas línguas de sinais, podendo contribuir, de forma mais abrangente, para os estudos linguísticos de modo geral. Veja que no caso das línguas faladas, houve a tendência de separar a língua das marcações gestuais e entoacionais, enquanto que nas línguas de sinais sempre houve dificuldade em descolar uma coisa da outra, evidenciando que a língua incorpora elementos manuais e não manuais de forma intrínseca.

A seguir é apresentada a síntese de Leite (2008:256-257) com os marcadores não manuais identificados, considerando o contexto conversacional:

Marcas formais prosódicas de segmentação na Libras

Nível	Tipo	Função Prosódica
Manual	<p><i>Alongamento final</i></p> <p>a) manutenção da suspensão pós-golpe ou da suspensão independente</p> <p>b) reiteração dos movimentos repetitivos internos ao golpe</p> <p>c) transformação de uma fase expressiva formada por suspensão independente em uma fase expressiva formada por golpe</p>	<p>Marcação de disjunção na cadeia de fala, delimitando fronteiras entre UPs e/ou trechos maiores de discurso</p>
	<p><i>Reduções fonético-fonológicas</i></p> <p>a) sobreposição da fase expressiva de um sinal com a fase de preparação de outro sinal</p> <p>b) elisão de movimentos repetitivos internos ao golpe</p> <p>c) retenção bastante breve da suspensão independente nas fases expressivas sem golpe</p>	<p>Marcação de junção na cadeia de fala, fortalecendo a coesão interna da UP</p>

⁴**Prosódia** (originário do grego *προσῳδία*) é o estudo do ritmo, entonação e demais atributos correlatos na fala. Ela descreve todas as propriedades acústicas da fala que não podem ser preditas pela transcrição ortográfica (ou similar). **Entonação** é a variação da altura utilizada na fala que incide sobre uma palavra ou oração, e não de fonemas ou sílabas. Entonação e ênfase são elementos da prosódia, elemento da Linguística. As funções linguísticas da entonação são exercidas em instâncias superiores às dos fonemas e palavras, sendo considerada, portanto, um componente linguístico suprasegmental. Muitas línguas usam a entonação sintaticamente, por exemplo, para expressar surpresa ou ironia, e, mais comumente, para distinguir uma declaração de uma interrogação; o português e o inglês pertencem a este grupo. (Definições disponíveis em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Prosódia> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Entonação>, consultadas em 15/08/2008). No caso das línguas de sinais, a prosódia é marcada por marcações não manuais. Por exemplo, a entonação pode ser marcada por meio de expressões faciais, se eu quiser ser irônico em sinais, eu posso usar a expressão facial de olhos semi-abertos com olhar de canto. Leite identificou algumas marcações prosódicas na libras, conforme sintetizado no seu quadro.



Não-manual	d) assimilação da configuração de mão do sinal subsequente pelo sinal inicial e) abreviação dos movimentos repetitivos internos ao golpe	
	<i>Gestos atencionais coesos</i> a) espacialização dos sinais	Delimitação de UPs e/ou trechos maiores de discurso
	<i>Sinais não-manuais</i> a) piscada de olhos b) acenos de cabeça c) retomada do contato visual	Marcação de disjunção na cadeia de fala, delimitando fronteiras entre UPs e/ou trechos maiores de discurso
	d) espraçamento de imagens bucais	Marcação de junção na cadeia de fala, fortalecendo a coesão interna da UP
	<i>Gestos atencionais coesos</i> a) expressões faciais b) posicionamentos e/ou movimentos da cabeça c) orientações e/ou movimentos do tronco d) direcionamento e/ou movimentos do olhar	Delimitação de UPs e/ou trechos maiores de discurso

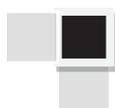
Tabela 1. Síntese das marcas formais de salientação da Libras no âmbito do discurso Leite (2008; p. 256)

Marcas formais prosódicas de acentuação na Libras		
Nível	Tipo	Função Prosódica
Manual	Modulação das fases do gesto (preparação mais longa, seguida de suspensão pré-golpe e golpe mais rápido e longo)	Salientação de um item informacional numa UP
Não-manual	Breves deslocamentos do olhar, de um padrão estável para pontos discretos no curso de uma UP	Salientação de item informacional e/ou facilitação da percepção de uma soletração manual

Tabela 2. Síntese das marcas formais de salientação da Libras no âmbito das UPs Leite (2008; p. 257)

1.3 Apontação

A apontação entra no conjunto dos dêiticos, ou seja, seu significado depende da referência atual dentro do discurso.



A dêixis (ou díxis) designa o conjunto de palavras ou expressões (expressões dêíticas) que têm como função "apontar" para o contexto situacional (exófora) de uma dada interação.

Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/portugues/este-esta-isto-esse-essa-isso-pronomes-demonstrativos-deixis-anafora-e-catafora.jhtm>

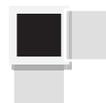
O gesto de apontar na foto a seguir mostra a criança apontando para o ímã da geladeira à sua esquerda (e não ao da direita). A apontação é específica e determinada pelo falante/sinalizante no ato discursivo.



Na foto a seguir, a menina aponta para o seu interlocutor. Esta apontação é produzida gestualmente, mas pode passar a incorporar o sistema linguístico das línguas de sinais.



Quadros (1997) apresenta os estudos de Petitto & Bellugi (1988) e Petitto (1987) a respeito do uso da apontação. Essas autoras observaram uma transição do uso gestual da apontação para o uso linguístico da apontação em crianças surdas, filhas de pais surdos, adquirindo uma língua de sinais. As autoras observaram que as crianças surdas com menos de 2



anos não fazem uso dos dispositivos indicativos com função pronominal para as pessoas do discurso. As crianças omitiam essas apontações até quando imitavam seus pais. Normalmente, as crianças surdas com menos de 1 ano, assim como as crianças ouvintes, apontam frequentemente para indicar objetos e pessoas. No entanto, quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso da apontação com função pronominal desaparece. Petitto (1987) sugere que nesse período parece ocorrer uma reorganização por parte da criança que requer a mudança do conceito da apontação gestual (pré-linguística) para a apontação gramatical específica das línguas de sinais com função linguística.

Petitto (1986) observou que por volta dos dois anos de idade ocorrem 'erros' de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças ouvintes. As crianças usam a apontação direcionada ao receptor para referirem-se a si mesmas. Esse tipo de erro e a evitação do uso dos pronomes são fenômenos diretamente relacionados com o processo de aquisição da linguagem. Petitto (1987) concluiu que, apesar da aparente relação entre forma e significado da apontação, a compreensão dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do sistema linguístico da língua de sinais. A aparente transparência da apontação é anulada diante das múltiplas funções linguísticas que apresenta.

Petitto afirma que aspectos da estrutura linguística e da sua aquisição parecem envolver conhecimentos específicos da linguagem. Ela conclui que, apesar da relação entre a forma e o símbolo, a apontação e seu significado, a compreensão das funções da apontação dos pronomes não é óbvia para a criança dentro do sistema linguístico da língua de sinais. A ideia de que a gesticulação pode funcionar linguisticamente é tão forte, que anula a transparência indicativa da apontação.

1.4 O que é transcrito como gestos e sinais nas pesquisas que desenvolvemos com a Libras?

Nos estudos da Libras, temos usado algumas padronizações para nos referir aos sinais e aos gestos (Lillo-Martin; Quadros & Chen-Pichler, 2009). Acordamos em diferenciar o uso de sinais com glosas de identificadores de sinais padronizados com letras maiúsculas e gestos com a inicial 'g' e uma descrição do gesto utilizado. Como já vimos, também há emblemas que são gestos convencionalizados. Os emblemas são indicados com a inicial 'e' e sua descrição entre parênteses.

Como usamos o sistema ELAN Eudico de transcrição (<http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>), sempre usamos hífen entre as palavras que representam um único gesto ou único sinal.

O ELAN é uma ferramenta de anotação que permite que você possa criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de vídeo e áudio. Foi desenvolvido no Instituto de Psicolinguística Max Planck, Nijmegen, na Holanda, com o objetivo de produzir uma base tecnológica para a anotação e a exploração de gravações multimídia.

ELAN foi projetado especificamente para a análise de línguas, da língua de sinais e de gestos, mas pode ser usado por todos que trabalham com corpora de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio, para finalidades de anotação, de análise e de documentação destes.

O ELAN é um sistema que permite criar trilhas de anotação de acordo com as necessidades de cada usuário. Nós temos transcrições básicas que incluem uma trilha para os enunciados e mais algumas trilhas para as unidades sintáticas, os itens individuais e as traduções. Nas trilhas de enunciados, temos a transcrição dos sinais e dos gestos. É muito importante convencionar de forma padronizada a forma das glosas dos sinais e a forma de anotar os gestos.

O Identificador das Glosas é um sistema que visa a padronização das glosas usadas pelos transcritores de Libras. O ID também reuni, organiza e permiti a busca dos sinais e/ou das glosas de um corpus de Libras (<http://www.idsinais.libras.ufsc.br/>).

Os gestos não são incluídos no Identificador de Sinais da Libras. Assim, precisamos acordar como iremos referi-los. Em nossos estudos, temos usado uma lista de gestos e emblemas, mas sempre podemos usar a inicial com a descrição, caso haja um item não listado. Segue a lista que usamos:

Mímica facial

g(expressão-facial-de-brabo)

Mímica

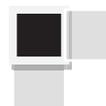
g(senta-com-as-pernas-para-cima)

Ações

Pegar um objeto – e.g. ‘dirigir’ enquanto segura a direção do carro

g(dirigir)

g(bater-palmas)



Cabeça

Movimento da cabeça

Não são incluídos na transcrição quando acompanhados de sinais; somente quando ocorrem sozinhos eles são codificados como gesto: g(sim); g(não)

Alcançar

g(me-dá)

Localização

g(coloca-aqui)

g(senta-aqui)

Interjeições ou expressões que acompanham o gesto que aparecem também nos falantes de português

g(hey)

g(hmm)

g(huh)

g(não) [movimentando a mão inteira]

g(oh)

g(oops)

g(não-sei)

Emblemas (gestos convencionalizados que entram na língua de sinais, mas também são usados acompanhando a fala em português) → transcrever como emblemas e(xxx)

e(vir) - Vem cá

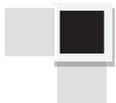
e(vir) - Vem comigo

e(ficar) - Fica aí

e(parar) - Parar

e(esperar) - Esperar

e(silenciar)– Silenciar





Os sinais são transcritos com glosas que representam palavras do português emprestadas para identificar os sinais. As glosas devem ser usadas para identificar um sinal de forma consistente. Este será o nome do sinal. Glosas multi-palavras são conectadas com hífen, com espaços indicando sinais separados na linha do enunciado. As glosas podem ou não refletir o significado do sinal no contexto.

Apontação para pessoas, objetos, localizações está indicado por IX (referentes), e.g., IX(mãe). Hífens são usados nas palavras dentro dos parênteses.

Possessivos ou reflexivos são usados indicado por POSS(referente) ou SELF(referente).

Os verbos de indicação são usados simplesmente com a ID glosa do verbo sem incluir a informação sobre os referentes. Por exemplo, transcrever DAR, *não* DAR(1); VIR, *não* VIR(aqui).

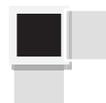
Os chamados “classificadores” são referidos como verbos descritivos.

Para os eventos descritos, usamos DV seguido de uma descrição do evento entre parênteses, com hífens entre as palavras. A glosa deve descrever a ação de forma geral. Por exemplo, DV(veículo-move-baixo-cima-caminho-sinuoso) ao invés de DV(carro-honda-viajar-sul-Florida).

Deve haver três elementos incluídos na glosa: o que a configuração de mão representa (por exemplo, veículo), sua ação (p.ex., move-baixo-cima) e o qual elemento espacial envolvido (p.ex., caminho sinuoso).

Os verbos descritivos podem ser identificados (i.e., verbos descritivos diferente de verbos lexicais) pelas seguintes coisas:

- * configuração de mão específica estabelecida como morfema (configuração de mão para veículos de quatro rodas)
- * uma ação ou estado a ser descrito



Há diferentes produções soletradas durante a sinalização (p.ex., soletração cuidadosa de uma palavra ou soletração de apenas uma letra). Sempre que a soletração é usada, usamos FS(palavra). A palavra soletrada ocorre entre parênteses, sem hifenização. Por exemplo, usar FS(rio) or FS(ap).

Quanto ao tempo do sinal, _ e + são os símbolos usados quando um sinal é produzido de forma mais longa do que usualmente.

_ significa que o sinal é estático, i.e., o sinal é realizado no espaço sem movimento, como se o sinal fosse congelado, o sinal persevera por mais tempo. Por exemplo, se MÃE fica sinalizado no nariz sem movimento por um tempo mais longo deve-se transcrever da seguinte forma: MÃE_ .

+ significa que o sinal contém reduplicação (ou sequência repetida de movimentos) e que algo ocorreu com o padrão de movimento do sinal. Por exemplo, o sinal de MÃE tem dois movimentos em direção ao nariz. Se houver mais movimentos, então você deve glosar MÃE+. O mesmo se aplica a uma quantidade maior de movimentos. Somente um + é marcado no sinal para indicar esta repetição.

Os sinais e os gestos são transcritos na trilha dos enunciados, pois se complementam na produção dos enunciados.

2 Modalidade visual-gestual-espacial⁵

O que é diferente e o que é igual?

Na sua grande maioria, os lingüistas têm se ocupado em identificar o que é comum entre as línguas de sinais e as línguas faladas. Parte-se dos referenciais já propostos para as línguas faladas e os universais linguísticos que também foram estabelecidos a partir de estudos com várias línguas faladas e propõem-se análises das línguas de sinais. Esta linha investigativa justifica-se também, uma vez que na década de 60 havia um movimento intenso no sentido de “provar” que as línguas de sinais eram, de fato, línguas naturais.

Atualmente, não há dúvidas em relação ao estatuto lingüístico das línguas de sinais. Assim, principalmente a partir da década de 90, iniciaram-se investigações com o intuito de identificar

⁵Este item apresenta os efeitos de modalidade que foram publicados em forma de artigo em Quadros (2006).

não apenas o que era “igual”, mas também o que era “diferente” com o objetivo de enriquecer as teorias linguísticas atuais.

A pergunta que antes era “*Como a linguística se aplica às línguas de sinais ou dá conta das línguas de sinais?*” passou a ser “*Como as línguas de sinais podem contribuir para os estudos linguísticos?*”

A mudança, aparentemente sutil, abre novos caminhos investigativos no campo da linguística buscando explicações para o que é diferente entre estas modalidades de língua, inclusive com o exercício de olhar as línguas de sinais a partir delas mesmas enquanto línguas visuais-espaciais.

Os estudos clássicos das línguas de sinais

Os estudos dos últimos 40 anos revelam similaridades profundas entre as línguas faladas e línguas sinalizadas tanto no nível da estrutura da frase, quanto no nível do processamento linguístico e, também, quanto à aquisição da linguagem. A seguir, apresentamos uma síntese de alguns estudos considerados clássicos em relação às línguas de sinais:

Stokoe (1960) apresentou a primeira análise linguística da língua de sinais americana com evidências de que um sinal era resultado de combinações de unidades menores: a configuração da mão, o local de articulação e o movimento. Stokoe apresenta uma análise com base na simultaneidade, ou seja, as unidades são combinadas simultaneamente para a produção do sinal.

Battison (1974) inclui a orientação da mão como parâmetro na fonologia das línguas de sinais com base na existência de pares mínimos em sinais que apresentam mudança de significado apenas na produção de distintas orientações da palma da mão

Battinson (1978) apresenta as restrições fonológicas na produção de diferentes tipos de sinais que restringem a complexidade dos sinais (por exemplo, a condição de simetria e a condição de dominância com sinais produzidos com duas mãos).

Klima & Bellugi (1979) evidenciaram que o conjunto possível das unidades que constituíam os sinais poderia variar de língua para língua, mas de forma bastante restrita. Também apresentam uma análise detalhada do sistema derivacional e flexional da língua de sinais americana.



Baker (1976) e **Liddell (1980)** apresentam uma descrição dos adjetivos, dos advérbios e de expressões faciais que co-ocorrem com os sinais manuais de forma sistemática. Tais autores argumentam que tais expressões faciais são lexicais, uma vez que são altamente restringidas ao contexto dessas classes de palavras.

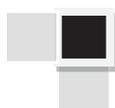
Liddell (1984) apresenta uma análise da sequencialidade dos sinais através da representação interna da estrutura do sinal e as relações de dependências entre os seus segmentos. Além disso, aponta que os sinais co-ocorrem com expressões faciais e movimentos do corpo que são interpretados como advérbios ou informações gramaticais adicionais.

Fischer (1973); Klima & Bellugi (1979); Fischer & Gough (1978); Supalla (1982) e Padden (1983) analisam as diferentes classes de verbos na língua de sinais americana: os verbos simples (*plain verbs*) que aceitam apenas a flexão de aspecto; os verbos de movimento (*verbs of motion*) que não flexionam para pessoa, número e nem aspecto, mas apresentam uma morfologia complexa e os verbos com flexão (*inflecting verbs*) que flexionam para pessoa, número e aspecto. Estes autores apresentam análises da sintaxe espacial.

Liddell e Johnson (1989) e **Sandler (1989)** desenvolvem modelos que não são apenas simultâneos, mas apresentam uma seqüência estrutural, por exemplo, um sinal pode ter duas CM ou L em uma seqüência. Esta proposta tornou possível uma análise do morfema de concordância consistindo de traços de locação como afixo independente que é ajuntado ao verbo não especificado para a locação.

Lillo-Martin (1991) apresenta uma análise da sintaxe da língua de sinais com respaldo no processo de aquisição da linguagem em crianças surdas filhas de pais surdos. A autora evidencia que a língua de sinais americana é analisável segundo os princípios e parâmetros propostos pela teoria gerativa.

Neidle, Kegl, MacLaughlin, Bahan & Lee (2000) apresentam a sintaxe da língua de sinais americana. Os autores apresentam marcações manuais e não manuais como expressões de traços sintáticos abstratos. Desenvolvem uma análise da estrutura da língua de sinais com base na teoria gerativa.



Ferreira-Brito (1995) apresenta uma breve descrição linguística da língua de sinais brasileira incluindo, principalmente, alguns aspectos fonológicos e morfológicos. A autora menciona que o estudo de uma língua em uma modalidade visual-espacial pode afetar as teorias linguísticas quanto aos preceitos teóricos, quanto à gramática ao se rever a noção de arbitrariedade, a noção de linearidade e a noção do que seja central em uma determinada língua (p.11-12).

Karnopp (1994, 1999) apresenta um estudo mais voltado para a representação fonológica da língua de sinais brasileira. Analisa, inclusive, as implicações de processos fonológicos na aquisição da língua de sinais brasileira.

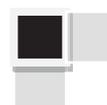
Quadros (1995, 1999) desenvolve uma análise da estrutura da língua de sinais brasileira. Sua proposta decorre da classificação dos verbos nesta língua que apresentam ou não concordância.

Quadros e Karnopp (2004) apresentam uma descrição linguística da língua de sinais brasileira nos níveis fonológico, morfológico e sintático.

Os estudos em busca de efeitos da modalidade

Alguns estudos têm se ocupado no sentido de identificar e analisar os efeitos da modalidade da língua na estrutura linguística. As evidências têm sido identificadas como consequências das diferenças nos níveis de interface articulatório-perceptual. Algumas investigações têm ainda levantado algumas hipóteses quanto à possíveis diferenças no nível da interface conceptual implicando em uma semântica enriquecida em função de propriedades visuais-espaciais. A seguir, apresentamos alguns dos estudos que representam a identificação dos efeitos da modalidade das línguas de sinais:

Padden (1988) apresenta a discussão sobre o papel do espaço nas línguas de sinais. Espaço na língua de sinais não é apenas uma entidade semântica, um espaço mental, mas um dos elementos que faz parte de uma unidade lexical. A pergunta formulada pelos pesquisadores diante dos pontos espaciais estabelecidos no discurso das línguas de sinais é de como tais pontos podem ser representados na gramática. Onde estes pontos espaciais (pronomes) são especificados no léxico?

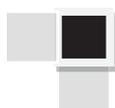


Lillo-Martin e Klima (1986) propõem uma análise para este problema: há apenas uma entrada para pronome com locação não específica (uma variável), mas com a interpretação determinada através do discurso.

Liddell (1990, 1995) sugere que os pontos no espaço devem ser descritos como entidades mentais (pictóricas). Segundo sua análise, tais entidades não podem fazer parte do sistema linguístico, pois envolvem espaços reais contendo uma representação mental do objeto/referência em si. Assim, não há necessidade de definir o locus fonológica e morfologicamente. Além disso, a concordância verbal deixa de existir enquanto concordância do ponto de vista linguístico.

Rathmann e Mathur (2002) analisam a proposta de Liddell e mostram que o problema se apresenta considerando os níveis de variação fonética dos locus em línguas de sinais, sendo eles formal e de determinação de fronteiras. No primeiro caso, se se estabelecesse um ponto no espaço para JOÃO no lado esquerdo, se tenta voltar ao mesmo ponto ao referir JOÃO durante o discurso. No segundo caso, um ponto diferente do ponto estabelecido para JOÃO pode ter um significado diferente. Uma vez que há correspondência entre o ponto e o referente, cada locus deve ser listado no léxico. Apesar dos locus de não-primeira pessoas fazerem parte de um conjunto que apresenta “ligação” dentro do discurso, o critério do léxico que determina listabilidade não é observado. Assim, o problema de infinitude está relacionado com a listabilidade. Os autores destacam também evidências linguísticas (e psicolinguísticas) de que concordância existe na língua de sinais americana. Apesar da existência destes classificadores, parece que o sistema linguístico é ordenado de forma linear em algum nível que obviamente não é trivial.

Lillo-Martin (2002) justifica a existência de concordância nas línguas de sinais como elemento gramatical a partir de vários aspectos linguísticos, entre eles, a autora menciona os seguintes: as formas para primeira pessoa e não-primeira pessoa são diferentes; a presença de marcação de número nos verbos apresenta múltiplas formas em diferentes línguas de sinais; a existência de auxiliar em algumas línguas de sinais que expressam a relação sujeito-verbo-objeto nas construções com verbos que não marcam concordância. No entanto, Lillo-Martin destaca que há um tipo de construção, os verbos chamados de verbos manuais e/ou verbos classificadores, que parece romper com todas as regras na língua de sinais em todos os níveis de análise (sintático,



morfológico e fonológico), uma vez que apresenta um comportamento completamente incomum considerando as análises clássicas de um item lexical.

Liddell (2000) tende a analisar tais construções como expressões de ordem não sintática. Esse viés é retomado nas suas análises mais atuais excluindo por completo uma análise de ordem sintática nos termos analisados até então considerando a teoria linguística e os estudos das línguas em geral. Sua proposta segue um rumo alternativo. Sua versão, na verdade, resulta de uma atenção especial às diferenças, uma vez que assim poder-se-ia estar adentrando nos limites da teoria linguística. Liddell (1990, 1995) considera que os pontos estabelecidos no espaço que são incorporados pelos verbos no que vem se chamando de concordância, não podem ser analisados morfologicamente, uma vez que tais pontos são indeterminados. A partir de suas análises, ele conclui que não há concordância verbal na língua de sinais americana. Para o autor, o que acontece é uma indicação de natureza gestual combinada com elementos de ordem linguística dos sinais.

Lillo-Martin (2002) e **Quadros (2002)** apresentam evidências quanto ao status da concordância na língua de sinais brasileira. As autoras apresentam exemplos para ilustrar que não há uma ordenação caótica nas sentenças incluindo os verbos manuais. Isso indica que, apesar das características essencialmente visuais e espaciais, há restrições quanto à ordenação dos constituintes na estrutura. Tais construções seguem o mesmo padrão: todas ocupam a posição final da sentença. Com os classificadores, o predicado complexo inteiro que inclui o verbo ocupa esta posição. Todos os exemplos estão ou associado com a marcação não-manual de concordância ou com a marcação não manual de tópico. Em termos estruturais, a posição final também é ocupada pelo foco que usualmente está associada com o movimento da cabeça, mas têm-se exemplos de que há restrições de tal posição ser ocupada por argumentos oracionais. Uma hipótese possível seria considerar estas construções manuais tendo relação em alguma instância com as construções de foco, mas tais argumentos oracionais serem considerados pela sintaxe nucleares, uma vez que morfologicamente apresentam características de um único sinal. Assim, a sintaxe sendo cega a informação semântica oracional, a estrutura seria derivada de qualquer forma apresentando a devida interpretação na interface que do ponto de vista fonológico apresentaria uma interpretação equivalente a um único sinal que pode ser analisado em unidades menores (cf. Suppala, 1982, 1986).



Considerando esses estudos, parece haver efeitos de modalidade que se refletem na própria estrutura da língua. Segundo Liddell (1995), a informação sobre a relação entre a atividade e o objeto envolvido é claramente expressada de forma espacial num sentido pictórico. Um exemplo seria o seguinte:

WOMAN PIE PUT-IN-OVEN

A Mulher colocou a torta no forno.

(Liddell, 1980:89-91)

BALL JOHN SWING-A-BAT

John bateu na bola com um taco.

FENCE CAT SLEEP

O gato dormiu na cerca sentado.

(Liddell, 1980:91-100)

Interessantemente, tais exemplos na língua de sinais brasileira apresentam estes verbos manuais/classificadores na posição final:

JOÃO PAREDE PINTAR-ROLO

João pinta a parede com o rolo.

JOÃO CARRO [CL(carro)-BATER-POSTE –]cl

O João estava de carro e deu uma batidinha no poste.

JOÃO MARIA [CL(pessoa)-CRUZAR-UM-PELO-OUTRO]

O João cruzou pela Maria.

CENTRO PESSOAS [CL(pessoas)-CRUZANDO-ENTRE-SI]

No centro, várias pessoas cruzam entre si.

Ao que tudo indica, as derivações visuais-espaciais seguem a mesma lógica das derivações orais-auditivas, no sentido de observar restrições na organização sintática que delimitam as possibilidades existentes na derivação de sentenças. No entanto, as observações de Liddell são pertinentes, em especial, quanto à organização morfológica das palavras classificadoras, apesar de haver argumentos favoráveis a uma análise nos padrões clássicos (Suppala, 1982, 1986). Lillo-

Martin (2002) apresenta a partir dessas considerações a seguinte questão: as línguas de sinais podem oferecer alguma informação nova quanto ao nível de interface articulatorio-perceptual?

Nesse sentido, cabe considerar o estabelecimento de pontos no espaço. Do ponto de vista de Liddell, tais pontos não podem ser analisados como representações gramaticais, mas sim pictóricas. De fato, tais pontos não seguem os padrões de análise morfológico clássicos, no entanto, as evidências sintáticas acomodam as análises dentro da perspectiva da teoria linguística.

Aqui surge ainda outra questão, as informações gramaticais atreladas às marcas não-manuais que também apresentam um caminho de possibilidades de contribuições para o entendimento das interfaces. Rathmann e Mathur, acomodando a versão de Liddell, propõem que as marcações chamadas neste trabalho como 'manuais' (ou gestuais por Rathmann e Mathur, ou ainda representações espaciais mentais pictóricas por Liddell) podem ser classificadas como concordância no sentido sintático, mas apresentar repercussões no nível articulatorio-perceptual.

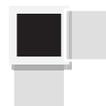
Muitas pesquisas sobre a estrutura das línguas de sinais têm considerado tais questões, mas ainda tem-se muito a ser investigado. Por um lado, existe uma preocupação em relação aos efeitos das diferenças na modalidade fazendo com que os estudos das línguas de sinais sejam extremamente relevantes. Por outro lado, as similaridades encontradas entre as línguas faladas e as línguas sinalizadas parecem indicar a existência de propriedades do sistema linguístico que transcendem a modalidade das línguas. Nesse sentido, o estudo das línguas de sinais tem apresentado elementos significativos para a confirmação dos princípios que regem as línguas humanas.

(...) sign languages resemble spoken languages in all major aspects, showing that there truly are universals of language despite differences in the modality in which the language is performed.

(FROMKIN & RODMAN, 1993)

3 Descrição visual (classificadores)

Muitas línguas de sinais em várias partes do mundo usam esse a descrição visual (*depicting constructions*), também chamadas de classificadores. Essas construções podem ser categorizadas como adjetivos ou verbais.



As descrições visuais adjetivais podem ser diferenciadas em três tipos:

- a) descrições adjetivais visuais nominalizadas: por exemplo, o sinal de CASA e o sinal de EDIFÍCIO na Libras
- b) descrições adjetivais de forma e tamanho especificadas: por exemplo, a forma retangular arredondada de um lap-top ou os detalhes de uma moldura de um quadro com formato que apresenta linhas que se estreitam e se alargam ao longo da sua extensão nos dois ângulos do quadro (nesses exemplos, as mãos e os dedos movem-se para acompanhar os traçados descritos visualmente)
- c) descrições adjetivais estendidas que envolve mudança no volume ou na quantidade de alguma coisa (ou seja, naquilo que tem dentro de um container, ao invés do container em si). Por exemplo, os dedos se movem para indicar o estado gasoso da água evaporando ao ser fervida.

As descrições visuais verbais descrevem ações e se dividem em dois grupos:

- a) descrições sem agente, ou seja, sem nenhuma pessoa por trás da ação realizada, em que há locativos e/ou movimento. Neste caso, podemos ter a descrição indicando a posição ocupado e o possível movimento que possa ocorrer com este objeto. Por exemplo, um carro parado na frente da casa indicando a sua posição. O mesmo carro pode começar a se mover, mesmo que não tenha um motorista (por exemplo, no caso de estar em uma lombada e começar a descê-la). Nesses casos, não há um agente (pessoa) diretamente envolvida no estado ou evento descrito.
- b) descrições com agente (pessoa) envolvido no evento descrito. Neste caso, o agente está sendo descrito. Por exemplo, a pessoa que está andando agachada para se escapar de outra pessoa sem ser vista.

Outro tipo de descrição verbal agentiva é os que expressam a manipulação de algo. Neste tipo, a mão representa ela mesma (e não o instrumento) descrevendo a forma na qual segura um determinado objeto. Por exemplo, ao segurar um pincel para pintar um quadro ou um pincel para pintar uma parede, a mão estará segurando os objetos elencados de forma diferente. Essa forma de segurar é uma forma de descrever visualmente a ação por meio da mão de forma direta.

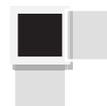
Conforme Pizzio, Campello e Quadros (2006), *o classificador é um tipo de morfema, utilizado através das configurações de mãos que podem ser afixado a um morfema lexical (sinal)*

para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente se comporta na ação verbal (semântico).

A autoras apresentam vários exemplos de classificadores que apresentam esta função descritiva. A seguir transcrevemos algumas delas, com base em Supalla 1982:

VEJA OS EXEMPLOS EM LIBRAS NO DVD

Categoria	Exemplos de CL:
Humano – 1 pessoa	PESSOA/RÔBO/ET-PASSANDO-UMA-PELA-OUTRA PESSOA/RÔBO/ET-PASSANDO PESSOA/RÔBO/ET-ANDANDO PESSOA-CAINDO PESSOA-DEITADA PESSOA-PARADA
Humano – 2 pessoas	2-PESSOAS/RÔBO/ET-PASSANDO
Humano – 3 pessoas	3-PESSOAS/RÔBO/ET –PASSANDO
Humano – 4 pessoas	4-PESSOAS/RÔBO/ET-PASSANDO
Humano – 5 ou mais pessoas	PLATÉIA-EM-AUDITÓRIO MUITAS-PESSOAS-CAMINHANDO MUITAS-PESSOAS-VINDO
Animal andando	ELEFANTE-ANDANDO CACHORRO-ANDANDO GATO-ANDANDO AVES-ANDANDO
Animal nadando	PEIXE-NADANDO GOLFINHO-NADANDO
Animal rastejando	JACARÉ-RASTEJANDO COBRA-RASTEJANDO LESMA-RASTEJANDO
Animal voando	BORBOLETA-VOANDO PÁSSARO-VOANDO
Animal pulando	COLEHO-PULANDO, SAPO-PULANDO



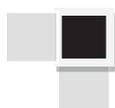
Veículos em geral em locomoção	AVIÃO-LOCOMOVENDO-SE
	ÔNIBUS-LOCOMOVENDO-SE
	TREM-LOCOMOVENDO-SE
	METRÔ-LOCOMOVENDO-SE
	CAMINHÃO-LOCOMOVENDO-SE
Veículos de duas rodas em locomoção	MOTO-LOCOMOVENDO-SE
	BICICLETA-LOCOMOVENDO-SE

A categoria humano inclui todos os seres que apresentam a configuração física humana, mesmo não sendo necessariamente humanos de fato, tais como, robôs, seres extraterrestres, etc.

A seguir apresentamos alguns exemplos de classificadores manuais (descrições com agente) (baseado em Sandler e Lillo-Martin, 2006 e Ferreira-Brito, 1995):

VEJA OS EXEMPLOS EM LIBRASNO DVD

Categoria de verbos manuais	Exemplos de CL:
	PINCELAR
	PEGAR-LÁPIS
	PEGAR-FOLHA
	PEGAR-LIVRO
	PUXAR-PRATEIRA
	PASSAR-ROUPA
	PINTAR-COM-PINCEL-GROSSO
	PINTAR-COM-ROLO
	COZINHAR
	VARRER
	PEGAR-CELULAR
	PASSAR-ESCOVA-SAPATO



Todos estes exemplos são vistos em várias línguas de sinais e são descritos como classificadores ou como descrições visuais.

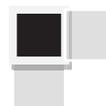
4 Explorando os espaço de sinalização

As relações espaciais nas línguas de sinais são muito complexas. Na LIBRAS, assim como verificado na *ASL* (Siple, 1978), as relações gramaticais são especificadas através da manipulação dos sinais no espaço. A produção discursiva em sinais ocorre dentro de um espaço definido, na frente do corpo, em uma área limitada pelo topo da cabeça e que se estende até os quadris. Nesse espaço, os sinalizantes podem estabelecer diferentes referentes, além de estabelecer relações gramaticais.

Segundo Quadros (1997), os mecanismos espaciais são fundamentais nas línguas de sinais pois determinam relações sintáticas e semânticas/pragmáticas. No processo de aquisição de línguas de sinais observa-se que o domínio dessas relações é considerado tardio (por volta dos 5-6 anos) porque tais relações são, de fato, altamente complexas. Basicamente, tais relações dependem do domínio do espaço, pois toda a língua se processa espacialmente, especialmente o estabelecimento nominal, o sistema pronominal e a concordância verbal (com os verbos que apresentam essa possibilidade). Além desses usos do espaço, os sinalizantes podem descrever relações espaciais, ao que chamamos de uso do espaço topográfico. A seguir, iremos discutir em mais detalhes esses usos do espaço que fazem parte da Libras.

4.1 Espaço topográfico

Bellugi e Klima (1990) apresentam uma análise dos estudos realizados no campo da neurociência com o objetivo de desvendar a natureza da especialização cerebral para a linguagem a partir de surdos usuários da língua de sinais. Uma vez que a língua de sinais integra relações espaciais e linguísticas dentro de um mesmo sistema, o estudo com sinalizantes surdos com lesões cerebrais oferece um campo de investigações interessante para a compreensão das funções cognitivas do cérebro. Assim, os autores aplicaram vários testes em adultos surdos com lesões no



cérebro. Foram utilizados sinalizantes surdos que apresentavam lesão no hemisfério esquerdo e outros com lesão no hemisfério direito do cérebro.

Os resultados encontrados foram muito interessantes. Os pacientes surdos com lesão no hemisfério direito, mesmo com uma lesão extensa, não apresentaram deterioração no seu uso de língua de sinais. Eles se mostraram fluentes, com gramática estruturada e raros erros de sinalização. Entretanto, apesar da linguagem preservada, eles mostraram déficits no processamento de relações espaciais não linguísticas (como descrever a organização dos objetos em um aposento), ou seja, o uso topográfico do espaço. Aos paciente, era mostrado uma figura ou era solicitado a eles descreverem um aposento de suas casas, como na figura abaixo. Para fazer a descrição espacial deste espaço, eles tinham muitas dificuldades.



Desta forma, o hemisfério direito não é responsável pelo uso do espaço gramatical da língua de sinais, apesar de ser responsável pelas relações visual-espaciais. O que se percebe é que a representação mental para relações espaciais entre objetos reais é diferente daquela organização espacial para conceitos gramaticais abstratos.

Em contrapartida, os pacientes surdos com lesão no hemisfério esquerdo apresentaram um bom desempenho nos testes de percepção espacial, mas demonstraram sua língua de sinais amplamente afetada, com efeitos parecidos com aqueles encontrados em ouvintes afásicos. Um

fato que chamou a atenção foram as diferenças de padrão nos déficits linguísticos destes pacientes. Um deles mostrou agramatismo, não utilizando os sinais adequados, não usando flexões gramaticais nem uma ordem sintática coerente. Outros dois pacientes, aparentemente, mostraram fluência na produção, mas com diferentes prejuízos. Um deles usava estrutura coerente, mas apresentava erros na configuração de mão (como o equivalente a troca de sons na fala), além de não especificar os referentes no discurso e apresentar problemas de compreensão. O outro paciente apresentava muitos erros gramaticais, de flexão e de uso do espaço. Estes dados mostram que lesões no hemisfério esquerdo não causam danos uniformes na língua de sinais: danos em diferentes regiões afetam diferentes componentes linguísticos.

Os autores observaram dois usos espaciais na língua de sinais, o sintático e o topográfico. Para as funções sintáticas, os locais espaciais e as relações entre estes locais são usados para estabelecer relações gramaticais. Já o topográfico, se refere ao mapeamento espacial, ou seja, o espaço dentro do qual os sinais são realizados pode ser usado para descrever o traçado do objeto no espaço. A descrição topográfica feita pelos sinalizantes com lesões no hemisfério direito era muito distorcida. Em contraste, a descrição linguística dos sinalizantes com lesões no hemisfério esquerdo apresentava problemas, mas não as suas descrições topográficas. Quando foram solicitadas informações sintáticas, os usuários com lesões no hemisfério direito conseguiram processá-las, enquanto que os com lesões no hemisfério esquerdo, não conseguiram.

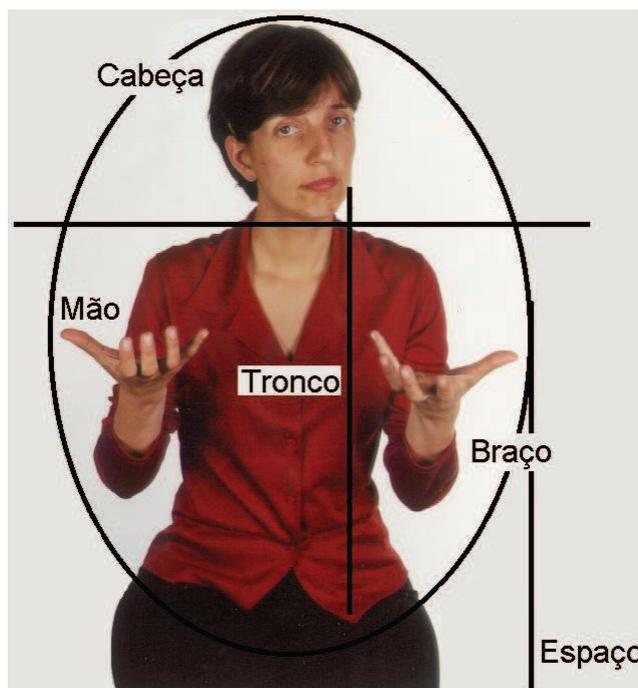
Exemplo: Uma das pessoas que participou da pesquisa com lesão no hemisfério direito, ao descrever o seu quarto, empilhou toda a mobília no lado direito, deixando o lado esquerdo da sinalização completamente vazio. Por outro lado, quando usou a estrutura espacial para a sintaxe da língua de sinais, ela estabeleceu os pontos no espaço de sinalização e manteve referências consistentes nestes locais espaciais de forma consistente.

Com base nos dados, os autores concluíram que o hemisfério esquerdo é usado para a linguagem tanto na sua forma visual-espacial, como na sua forma oral-auditiva. O fato de que a informação gramatical na língua de sinais seja transmitida por meio da manipulação espacial, não altera a especialidade hemisférica para a linguagem. Uma vez que a língua de sinais envolve uma integração entre as relações visuais-espaciais e linguísticas, o estudo apresenta uma nova perspectiva na combinação entre as mãos e o cérebro.



4.2 Espaço linguístico

O espaço de sinalização das línguas de sinais é restringido. Os sinalizantes usam o espaço a sua frente para compor o discurso, estabelecer os referentes, retomar estes referentes e estabelecer relações gramaticais entre eles de forma específica restringida pelo sistema linguístico visual-espacial. O espaço geral de sinalização se apresenta conforme ilustrado por Quadros e Karnopp (2004):



Normalmente, os sinais são produzidos dentro deste espaço podendo ser um pouco mais abrangente ou ainda menos abrangente dependendo do contexto discursivo. Em situações menos formais, usualmente este espaço pode ser alargado. Já, em contextos mais formais, a tendência é restringi-lo. O gênero textual também determina a flexibilização deste espaço. Em narrativas, por exemplo, é possível alargar mais este espaço, estendendo mais o ângulo dos braços. Por outro lado, em um texto essencialmente informativo, a tendência é estender menos os braços restringindo o espaço da sinalização.

Neste espaço, os sinais podem ser produzidos associados a pontos específicos estabelecidos previamente.

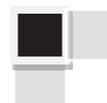
O estabelecimento de pontos no espaço de sinalização segue algumas regras básicas. Os pontos no espaço devem ser estabelecidos de forma contrastiva, ou seja, um ponto se

estabelecido à direita, irá contrastar com um segundo ponto estabelecido à esquerda. Mais pontos podem ser estabelecidos no espaço, mas normalmente, não há mais de quatro pontos estabelecidos simultaneamente, pois há restrições cognitivas em processá-los de forma não ambígua.

No exemplo a seguir, está ilustrada o estabelecimento de dois locais no espaço de sinalização, um a esquerda e outra a direita.



Neste exemplo, a sinalizante poderia estar referindo um espaço para um bairro da cidade a direita e outro bairro a esquerda. Ela poderia voltar a falar sobre estes espaços de sinalização para voltar a referir a este ou aquele bairro. Veja que a sinalizante direciona o olhar ao estabelecer cada ponto no espaço. A direção do olhar associada ao sinal de localização do bairro são combinadas para o estabelecimento dos pontos no espaço. Isso é importante, pois a direção do olhar pode ser usada anaforicamente ao longo do discurso para referir a um dos espaços estabelecidos. O ponto a direita ou a esquerda podem ser indicados por meio da apontação que passa a ter uma função dêitica pronominal. Ao invés de repetir o sinal em cada lado, o sinalizante pode direcionar o olhar, pode apontar e ainda pode realizar outros sinais empilhados neste ponto ou naquele para associar o discurso ao ponto estabelecido.



A seguir é apresentado um texto por meio de glosas para exemplificar isso. O símbolo <d> indicará o ponto no espaço a direita e o símbolo <e> indicará o ponto a esquerda:

IX<eu> MORAR BAIRRO J-O-A-O P-A-U-L-O<d>. PENSAR MELHOR BAIRRO S-A-M-B-A-Q-U-I<e>. IX<d> BOM MAS PROBLEMA AGORA TER PRÉDIO+ MOVIMENTO CARROS CL<carros-passando-uns-pelos-outos>. IX<e> DIFERENTE, NÃO-TER PRÉDIOS+ NADA. MELHOR, CALMO. CRIANÇAS CAMINHAR CL<área-espalhada>. TER ESCOLA MUNICÍPIO BOM. PODER CAMINHAR PRAIA, TER OSTRAS, TER RESTAURANTES, CALMO. IX<eu> PENSAR <e>MELHOR-DO-QUE<d>.

No exemplo acima, há o uso sintático do estabelecimento dos espaços de sinalização para estabelecer as relações gramaticais. Por exemplo, ao incorporar os pontos do espaço ao sinal MELHOR-DO-QUE, iniciando na posição do Bairro Sambaqui e terminando o sinal na posição do Bairro João Paulo, há a relação comparativa estabelecida pelo sinal incorporando os dois elementos na relação estabelecida de superioridade.

Abaixo, temos um outro exemplo em que JOÃO é estabelecido a esquerda e MARIA a direita (vejam que nas mesmas posições que no exemplo anterior, evidenciando que estas posições são as mais comuns ao serem estabelecidos dois referentes no espaço de sinalização). Depois de serem estabelecidos, a sinalizante usa um auxiliar de estabelecimento de relação que é iniciado na posição do JOÃO em direção a MARIA seguido do sinal DESEJAR.



JOAO<e> MARIA<d><e>AUXILIAR<d> DESEJAR

Agora, o sentido do auxiliar inicia na MARIA e vai na direção do JOÃO, direção oposta do exemplo anterior. Neste caso, a MARIA não gosta do JOÃO.



<d>AUXILIAR<e> DESEJAR-NÃO

A sentença composta é a seguinte:

JOAO<e> MARIA<d><e>AUXILIAR<d> DESEJAR

<d>AUXILIAR<e> DESEJAR-NÃO

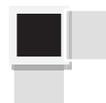
‘João deseja a Maria, mas Maria não deseja o João.’

As relações sintáticas entre o sujeito e objeto são determinadas pela direção do auxiliar incorporando o sujeito na posição inicial e o objeto na posição final para indicar as relações existentes no primeiro e no segundo caso.

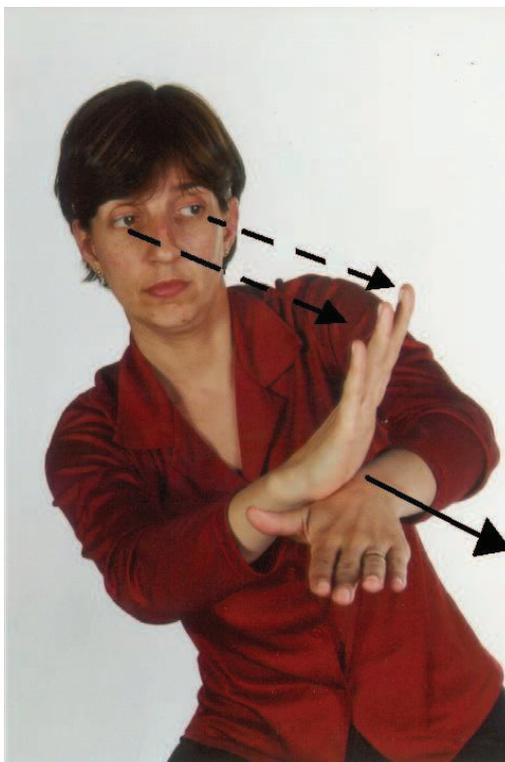
No exemplo a seguir, apresentamos o verbo AJUDAR que está sendo sinalizado da posição do JOÃO na direção da MARIA. O verbo inicia o seu movimento do lado esquerdo incorporando a posição do JOÃO e se direciona e orienta na direção do lado direito incorporando a posição da MARIA.

<e>AJUDAR<d>

‘O João ajuda a Maria’



Aqui, o sujeito e o objeto foram omitidos, mas são facilmente recuperados pelas posições inicial e final do verbo que incorpora as posições que foram estabelecidas previamente de forma explícita no discurso.



O estabelecimento nominal, ou seja, o estabelecimento dos referentes no espaço de sinalização, é um mecanismo discursivo utilizado em várias línguas de sinais. Depois dos pontos no espaço serem estabelecidos, eles são reutilizados ao longo do discurso com função anafórica. Eles podem ser retomados por meio da apontação explícita, por sinais que se sobrepõe ao ponto estabelecido, pela apontação ou por meio da flexão verbal, que é o caso ilustrado por meio do verbo AJUDAR acima. O verbo AJUDAR pertence ao conjunto de verbos chamados de verbos com concordância, pois eles incorporam os pontos do espaço. A essa incorporação chamamos de flexão verbal com marcação da concordância com o sujeito e/ou o objeto da sentença. Lembramos que há outro conjunto de verbos na Libras que não marcam concordância (por exemplo, GOSTAR, AMAR, NAMORAR, SONHAR, etc.). Quando estes verbos são usados, a Libras vai estabelecer a relação gramatical por meio da apontação explícita ou por meio do auxiliar associado ao verbo.

Nestes exemplos, fica muito claro o papel do estabelecimentos dos pontos no espaço. Eles servem para estabelecer os referentes do discurso, podem ser indexados discursivamente com função anafórica e podem ser incorporados nos sinais (nomes, verbos e auxiliares) para estabelecimento das relações sintáticas (sujeito e objeto) e semânticas (fonte, alvo e tema).

Neste material, nós abordamos aspectos relacionados com a modalidade visual-espacial da linguagem humana. Diferenciamos gesto do sinal e aprofundamos os recursos visuais-espaciais usados gramaticalmente nas línguas de sinais. Vimos diferentes elementos que compõem o discurso na Libras:

- 1) o estabelecimento de pontos no espaço
- 2) a apontação
- 3) a flexão verbal
- 4) a sobreposição do espaço com outros sinais
- 5) o uso da descrição visual (classificadores)

Todos estes elementos são usados em diferentes línguas de sinais, pois refletem a modalidade específica destas línguas, ou seja, a modalidade visual-gestual-espacial. Os gestos se diferenciam dos sinais, em função da estruturação da língua de sinais enquanto parte do sistema linguístico, bem como, pela estabilização semântica convencional que os sinais passam a ter. Os gestos, que se apresentam na mesma modalidade das línguas de sinais, fazem parte da linguagem humana e complementam os sentidos produzidos pelos discursos em sinais, assim como nas línguas faladas.

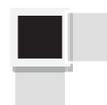
Sugestões de Leitura

FELIPE, T. Sistema de flexão verbal na libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. **Anais do Congresso Nacional do INES** de 2002.

FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myr na. **LIBRAS em Contexto: Curso Básico**. Livro do. Professor. 4. ed. Rio de Janeiro: LIBRAS, 2005.

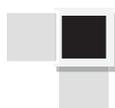
QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

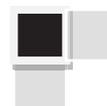


Referências

- AARONS, D. **Aspects of the syntax of American Sign Language**. Ph.D. Dissertation, Boston University, Boston, MA. 1994.
- BAHAN, B. **Non-manual realization of agreement in American Sign Language**. Ph.D. Dissertation, Boston University, Boston, MA. 1996.
- BELLUGI & KLIMA, E. Properties of Visuospatial Language. Paper for International Congress: **Sign Language Research and Application**, Conference. Siegmund Prillwitz(ed.) Hamburg. March 23-25, 1990.
- BOUCHARD, D. Sign Languages & Language Universals: The status of Order & Position in Grammar. In: **Sign Language Studies**. 91. Listok Press. Summer, 1996, p.101-160.
- CASEY, S. (2003). **'Agreement' in gestures and signed languages**: The use of directionality to indicate referents involved in actions. Ph.D. Dissertation, UCSD.
- EMMOREY, k. Repetition Priming with Aspect and Agreement Morphology in American Sign Language. **Journal of Psycholinguistic Sign Language**. v.20. n.5, 1991, p. 365-388.
- FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro. 1995.
- FISCHER, S. The Head Parameter in ASL. **SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research**. Lappeenranta, Finland July 15 - 19, 1987. W.H. Edmondson & F. Karlsson (eds). Volume 10. SIGNUM - Verlag. Hamburg, 1990, p.75-85.
- FISCHER, S. Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. Paper presented at **the Winter Meeting of the Linguistic Society of America**. [s.l.,s.n.]. 1973.
- FROMKIN, V. & RODMAN, R. **An Introduction to Language**. Forth Worth: 5ª ed., Harcourt Brace Jovanovich College, 1993.
- GOLDIN-MEADOW, S. (2003). Hearing gesture: How our hands help us think. Harvard University Press.
- KARNOPP, L. B. **Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da LIBRAS**: Estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre, 1994.
- KARNOPP, L. B. **Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais**: Estudo longitudinal de uma criança surda. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999.
- LIDDELL, S. Four Functions of a Locus: Reexamining the Structure of Space in ASL. In: **Sign Language Research – Theoretical Issues**. Gallaudet University Press. Washington, 1990, p. 176-200.
- LIDDELL, S. THINK and BELIEVE: Sequentiality in ASL. **Language**. 60:372-99, 1984.
- LIDDELL, S. **American Sign Language Syntax**. Mouton Publisher. The Hague, 1980.
- LILLO-MARTIN, D. One syntax or two? Sign Language and Syntactic Theory. In: **Glott International**. (to appear)



- LILLO-MARTIN, D. Where are all the modality effects? In: **Modality and Structure in Signed Language and Spoken Language**. Richard P. Meier, Kearsy A. Cornier and David G. Quinto (eds.) Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- LILLO-MARTIN, D. C. **Universal Grammar and American Sign Language**. Kluwer Academic Publishers. Dordrecht. Boston. London, 1991.
- LILLO-MARTIN, D. C. Studies of American Sign Language Syntax and the Principles and Parameters of Universal Grammar. In: **SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research**. Lappeenranta, Finland July 15 - 19, 1987. v. 10. SIGNUM - Verlag. Hamburg, 1990, p.86-93.
- LILLO-MARTIN, D. C. **Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language**. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan, 1986.
- MACLAUGHLIN, D. **The Structure of Determiner Phrases: Evidence from American Sign Language**. Doctoral Dissertation. Boston University, 1997.
- MACNEILL, D. **Hand and mind: What gestures reveal about thought**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- MACNEILL, D (ed.). **Language and gesture**. Cambridge University Press, 2000.
- MATSUOKA, K. Verb Raising in American Sign Language. In: **Língua**. 103:127-149, 1997.
- MEIER, R. *A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language*. University of California, San Diego and The Salk Institute for Biological Studies. April. 1980.
- PADDEN, C. **Interaction of Morphology and Syntax in ASL**. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego, 1983.
- PADDEN, C. Grammatical theory and signed languages. In: **Linguistics: The Cambridge Survey** (Frederick J. Newmeyer, editor). New York: Cambridge University Press, 1988, p.250-265.
- PADDEN, C. The Relation Between Space and Grammar in ASL Verb Morphology. In: **Sign Language Research - Theoretical Issues**. Gallaudet University Press. Washington, 1990, p.118-132.
- PETRONIO, K. A focus position in ASL. **MIT Working Papers in Linguistics**. 14:211-225. Department of Linguistics and Philosophy of MIT, 1991.
- PETRONIO, K. **Clause Structure in ASL**. Ph.D. Dissertation. University of Washington.1993.
- PETRONIO, K. & LILLO-MARTIN, D. WH Movement and the Spec of CP: Evidence from American Sign Language. In: **Language**. Volume 73. Number 1. 1997. p.18-57
- PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronouns in American Sign Language. In: **Cognition**. Elsevier Science Publisher B.V. vol. 27, 1987, (1-52).
- PETITTO & Marentette. Babbling in the Manual Mode: Evidence for the Ontology of Language. In: **Science**. v.251. American Association for the Advancement of Science, 1991, p.1397-1556.



PETITTO, L. & BELLUGI, U. Spatial Cognition and Brain Organization: Clues from the Acquisition of a Language in Space. In: **Spatial Cognition: Brain Bases and Development** Siles-Davis, Mark Krijchevsky & Ursula Bellugi (Eds.) Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1988, (299-325).

QUADROS, R. M. Efeitos de modalidade de línguas: as línguas de sinais. Em ETD: Educação Temática Digital. Volume 7, 2006, 167-177.

QUADROS, R. M. **A gramática da língua de sinais brasileira**. Trabalho apresentado por ocasião da Conferência da ANPOLL. Gramado, 2002.

QUADROS, R. M. de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Tese de Doutorado. PUC/RS. Porto Alegre. 1999.

QUADROS, R. M. de. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição**. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. 1995.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.

RATHMANN, C. and MATHUR, G. Is verb agreement the same cross-modally? In: **Modality and Structure in Signed Language and Spoken Language**. Richard P. Meier, Kearsy A. Cornier and David G. Quinto (eds.) Cambridge: Cambridge University Press. 2002.

SHEPARD-KEGL, J. **Locative relations in American Sign Language Word Formation, Syntax, and Discourse**. Ph.D. Dissertation. MIT. 1985.

SINGLETON, J., GOLDIN-MEADOW, S. & MCNEILL, D. (1995). The cataclysmic break between gesticulation and sign: Evidence against a unified continuum of gestural communication. In K. Emmorey & J. Reilly (Eds.). **Language, gesture and space**, 287-311. Lawrence Erlbaum Associates.

SMITH, W. Evidence for Auxiliaries in Taiwan Sign Language. In: **SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research**. *Lappeenranta, Finland July 15 - 19, 1987*. v.10. SIGNUM - Verlag. Hamburg. 1990. p.211-228.

STOKOE, W. **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language**. Listok Press, Silver Spring, MD. 1960.

SUPALLA, T. **Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language**. Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego. 1982.

SUPALLA, T. The classifier system in ASL. In: **Noun classes and categorization: Typological studies in language**. Ed. by C. Craig. Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, p.181-214, 1986.

VOLTERRA, V. Gestures, signs, and words at two years: When does communication become language? **Sign Language Studies** 33:351-361, 1981.

VOLTERRA, V. & ERTING, CJ (eds.) **From gesture to language in hearing and deaf children**. Springer-Verlag, 1994.